

EXISTENCIALISMO E VISÃO EXISTENCIAL NO CONTO "O OVO E A GALINHA" DE CLARICE LISPECTOR

Cleusa T. Suiter de Aquino *

Paul Tillich na sua obra *A Coragem de Ser* ⁽¹⁾, estabelece a distinção entre atitude existencial e o existencialismo filosófico ou artístico.

A atitude existencial traduz-se em participação, em envolvimento, em especial de uma situação cognitiva.

O existencial supõe este apego ao todo da existência cognitiva, incluindo condições temporais, espaciais, históricas, psicológicas, sociológicas e biológicas. No conhecimento existencial, toda a existência de quem conhece, participa, e o conhecimento depende de seu objeto: ao nível abstrato da realidade, a aproximação cognitiva adequada é o mais completo desapego. Mas o conhecimento da realidade concreta supõe participação e não desapego. É necessário participar de um eu a fim de conhecê-lo. Porém, esta participação gera uma transformação, tanto no sujeito como no objeto, causada pelo próprio ato de conhecer. Em suma: "o conhecimento existencial é baseado num encontro no qual uma nova significação é criada e reconhecida" ⁽²⁾. O conhecimento desligado de outra pessoa, por exemplo, não é o conhecimento da pessoa, seu eu centralizado. Somente realizando uma penetração existencial no centro de seu ser é que a conheceremos na situação de nossa penetração nela. O conhecimento existencial resume-se pois em participação de nossa própria existência em alguma outra existência.

No plano artístico, o existencialismo revela a coragem de enfrentar as coisas como elas são, e expressar a ansiedade da insignificação. "Os criadores da arte moderna têm sido capazes de ver a insignificação de nossa existência; participaram de seu desespero. Ao mesmo tempo, têm tido a coragem de enfrentá-la e

expressá-la em seus quadros e esculturas. Tiveram a coragem de ser como eles próprios" (3).

No campo da Literatura, Sartre é o símbolo do existencialismo de nossos dias. Sua proposição filosófica de que "a essência do homem é sua existência" é a mais desesperadora e corajosa sentença de toda literatura existencialista. O que ele diz é que não há natureza essencial do homem, exceto no ponto de que ele pode fazer dele mesmo o que quer. O homem cria o que ele é. No entanto, o homem é finito. Sua liberdade é finita e portanto tem estrutura definida. Se o *eu* tenta ultrapassar esta estrutura, ele termina por perdê-la.

O Existencialismo para Sartre é pois, um subjetivismo, no sentido da impossibilidade do homem em ultrapassar sua própria subjetividade. Este, é um escravo da sua própria subjetividade, no sentido de que não pode sair de si mesmo. Este homem prisioneiro, num mundo impenetrável, só poderia dar lugar a uma filosofia do absurdo e da angústia.

ANÁLISE DO CONTO: "O OVO E A GALINHA" DE CLARICE LISPECTOR

O conto escolhido para análise "O Ovo e a Galinha" (4), constitui um jogo de linguagem entre palavra e coisa. Estruturas que lembram os antigos livros escolares ("O cão vê o ovo? só as máquinas vêem o ovo. O guindaste vê o ovo"), o disparate ("Ao ovo dedico a nação chinesa"), a paródia filosófica ("Será que sei do ovo, (...) existo, logo sei"), o paradoxo ("O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito"), sucedem-se, alternam-se e misturam-se ao longo do texto, reiterando a palavra "ovo". Este é definido por diversas maneiras. Ainda sendo um nome, ainda sendo "ovo", este terá, até o fim do conto, significação ilimitada, reaparecendo sempre, objeto visível de significado indizível.

Através desse jogo de linguagem entre palavras e coisa, "O ovo" ascende à categoria de acontecimento revelador aberto sobre uma realidade indeterminada que ele representa — realidade a qual a narradora se acha presa desde o início de sua descrição e em face da qual ela própria se narra" (5).

A narrativa se desenvolve, pela evasão do significado que acompanha o movimento do *eu* em busca de si mesmo e em conflito com o objeto que o fascina.

Já podemos aqui perceber indícios de atitude existencial, na medida em que ela supõe participação, envolvimento de nossa existência em outra existência.

O desdobramento da história — sem enredo — produz-se como desdobramento da visão da personagem, sujeito e objeto da narrativa. Da visão do ovo ela penetra no caráter fundamental do amor e da vida, o serviço da existência, força latente misteriosa e cega.

O contato entre o ser e o objeto estabelece-se pelo olhar. Para Sartre, o olhar é constitutivo de inter-subjetividade, possui caráter ontológico. "O olhar é, antes de mais nada, um intermediário que remete de mim a mim mesmo". "O olhar nos revela a existência indubitável desse outro para quem nós somos". "O olhar nos revela como um fato a existência do outro e a minha existência para o outro" ⁽⁶⁾.

Assim, já de início, Clarice utiliza um instrumento existencialista de conhecimento: a visão.

"O olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo" (p.49).

Da visão, meio de acesso ao objeto, ela passa à participação do objeto.

E a caracterização que a autora faz deste objeto enquadra-se num outro aspecto da temática existencialista: o do predomínio da existência sobre a essência. O ovo não é, o ovo existe.

"O ovo não tem um si mesmo" (p. 49)

"O ovo propriamente dito não existe mais" (p. 50)

"O ovo é uma coisa suspensa" (p. 50).

"O ovo é uma exteriorização" (p. 50)

"O ovo expõe" (p. 50).

"O ovo é ovo no espaço" (p.50).

"O ovo é branco mesmo" (p. 51).

A essência de um ente é o que ele é. A essência do ovo é "o" ovo, e esta é renegada: "Individualmente ele não existe" (p.49). A existência é "este" ovo, na sua forma, na sua configuração. O objeto só é enquanto existe. Quando a narradora "quebra-lhe a casca e forma", "a partir deste instante exato nunca existiu um ovo" (p. 54).

Antes de abordarmos o seguinte aspecto existencialista no conto, é importante caracterizarmos certos termos fundamentais do Existencialismo sartreano.

Para Sartre, há uma oposição fundamental entre os reinos das coisas e o reino humano.

O reino das coisas supõe o ser "em-si", idêntico a si mesmo, realidade maciça. "O "em-si" é pleno de si mesmo e não poderia imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita do conteúdo ao continente: não existe o menor vazio no ser, a menor fissura por onde se pudesse introduzir o nada" (7). Deste modo, torna-se totalmente impossível saber qual é a estrutura interna do ser. O "em-si" é sempre estranho ao homem, ou melhor, o "ser-em-si" se dá ao homem, que nada lhe acrescenta.

O "em si" opõe-se radicalmente ao "para si" (o homem, o ente). Este, será então o nada, que se mantém diante do ser em atitude interrogativa. O reino humano não é; muito mais, deve ser, busca ser. A consciência humana nada tem de substancial, só existe na medida em que aparece.

Esta oposição fundamental entre o ser e o ente gera no homem o desespero, a angústia pela impossibilidade de *ser*, pura e totalmente.

Em Clarice, a presença do "em-si" traduz-se pela visão do ovo. Este "é perfeito", "invisível a olho nu", "um dom". Assim como o ente (a narradora) é incapaz de apreendê-lo, ela sabe que é impossível entendê-lo. Pleno de si mesmo, "é isento da compreensão que fere" (p. 50). Sendo, para Sartre, "uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não pode agir, porque é empastado de si mesmo" (8), o "em-si" do ovo manifesta por uma "grandiosidade que vem da grandeza de não poder, que se irradia como um não querer" (p. 51).

"Como o mundo, o ovo é óbvio" (p. 49). "O em si é evidente, dá-se claro, incontestável. Para Sartre, o "em-si" se esgota em ser o que ele é, e isso de um modo tão radical que consegue escapar à própria temporalidade — "ver o ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ser visto um ovo há três milênios" (p. 49).

Diante disso, o ovo, caracterizado como existência pura, enquadra-se perfeitamente no reino das coisas mencionado por Sartre, como o domínio da existência plena.

E onde se situaria, em Clarice, o reino do "para si"? Sartre remete-o à consciência humana. Nesse conto, o "para si" revela-se na animalidade, na galinha, se bem que de modo diferente do ser humano que narra.

"O ovo é o sonho inatingível da galinha" (p. 51), da mesma forma em que aspirar pelo ser é uma "paixão inútil" para a filosofia sartreana.

"A galinha vive como em sonho. Não tem senso da realidade. Todo o susto da galinha é porque estão interrompendo o seu devaneio. A galinha é um grande sonho (...) O mal desconhecido da galinha é o ovo — ela não sabe se explicar: "sei que o erro está em mim" ela chama de erro a sua vida, "não sei mais o que sinto", etc. (p. 52).

Este trecho e outros que se referem ao animal parecem enquadrar-se perfeitamente nas características que Sartre atribui ao "para si": a busca do ser, a necessidade, a pura aparência, a insubstancialidade.

Contudo, a absurdidade em atribuir uma consciência humana à galinha explica-se pela sua forte carga de caracteres humanos: ela é mãe, sonha, é capaz de gostar, tem vida interior, grita, olha, pensa. Além disso é tonta, desocupada e míope, caracteres perfeitamente atribuíveis ao ser humano. Deste modo, a galinha situa-se ao nível da simbologia do ente. Este ente que ela simbolizaria lembra-nos a existência inautêntica de Heidegger, onde o homem se move através de suas possibilidades sempre de forma impessoal, vivendo como ser coletivo, sobrevivendo simplesmente, como a galinha. A existência autêntica seria o colocar-se

perante a morte em cada minuto da vida, de onde adviria a experiência da angústia.

"Ser uma galinha é a sobrevivência da galinha. Sobreviver é a salvação. Pois parece que viver não existe. Viver leva à morte. Então o que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal. Ser uma galinha é isso. A galinha tem o ar constrangido" (p. 52).

A par disto tudo, a galinha, no conto, representa também um dos pontos-chaves da filosofia existencialista: a perda da autonomia humana, reduzida ao nível da instrumentalidade. O mundo de objetos criado pelo homem puxou-o para dentro de si, anulando sua subjetividade.

Como a galinha, o ser humano é mero "meio de transporte". "É que eu própria, eu propriamente dita, só tem mesmo servido para atrapalhar". "Era só instrumento que eu poderia ser, pois o trabalho não poderia ser mesmo meu" (p. 56).

O ser humano, presente no conto através da consciência da narradora, revela-se na aspiração inútil do ser. "Ter apenas a própria vida é, para quem já viu o ovo, um sacrifício" (p. 54).

Diante da existência pura da coisa que jamais se afasta do absoluto, a narradora — personagem revela que seu trabalho é "viver os seus prazeres e suas dores" (p. 54).

A experiência do amor, que segundo Sartre é o empenho em estabelecer a unidade com o outro, é também impraticável: "Ou bem assimilamos o outro, ou somos objetivados por ele. Tal empenhimento só seria realizável se nos fosse dado vencer a contingência original de nossas relações com o outro. Esta porém é irreduzível, e a unidade, irrealizável"⁽⁹⁾. No conto, Clarice reconhece que "Amor é não ter, é a desilusão do que se pensava que era amor" (p. 54).

Muitos outros aspectos do Existencialismo ainda aparecem no conto:

o homem condenado à liberdade:

"Já nos foi imposta, inclusive uma natureza toda adequada a muito prazer. O que facilita. Pelo menos torna menos penoso o prazer" (p. 55).

a existência como força misteriosa e cega:

"mergulhada no sonho preparo o café da manhã. Sem nenhum senso da realidade, grito pelas crianças (...), viver é extremamente tolerável, viver ocupa e distrai, viver faz rir. E me faz sorrir no meu mistério" (p. 55).

. a consciência de que o ser ultrapassa o ente:

"... mas vagamente ficou-me o noção de que meu destino me ultrapassa" (p. 56).

"... uma vez por outra, com o coração batendo pelo privilégio, eu pelo menos sei que não estou reconhecendo! (...) eu pelo menos não compreendo (...) eu pelo menos não sei" (p. 57).

CONCLUSÃO

A análise deste conto não se esgota aqui. A riqueza temática e estrutural que Clarice Lispector confere à sua obra exige um maior aprofundamento.

Apesar de não realizarmos uma abordagem extensiva do enfoque existencialista em Clarice Lispector, os aspectos levantados ao longo desta análise permitem-nos chegar a algumas conclusões.

O conto "O ovo e a galinha" revela uma atitude existencial da autora em termos de que esta pêneta a fundo na situação estabelecida, sendo o enredo do conto mantido às custas do relato deste envolvimento. Por outro lado, ao objeto desencadeante da experiência é atribuído um novo significado — o ovo deixa de ser o ovo, pura e simplesmente para tornar-se um meio de acesso ao caráter instrumental do amor e da vida, a serviço da existência, que ela reconhece como um sacrifício, como superior a si mesma.

Mas, além desta atitude existencialista, temos em Clarice também um Existencialismo, como ponto de vista e como expressão.

Rompendo com a arte tradicional, Clarice aborda a situação humana experimentada pelo indivíduo enquanto ser subjugado pela força terrível da existência, que o transforma em simples "instrumento de trabalho".

Tematizando a existência humana, inclusive na própria linguagem através do jogo entre palavra e coisa, que conduz a evasão do significado, Clarice revela uma concepção do mundo tipicamente existencialista, a medida em que trata de problemas como o desejo de ser, a falência das relações humanas, a identidade simulada, a potência mágica do olhar.

Neste conto, Clarice Lispector realiza o que Tillich chama de "a coragem de ser como si próprio", na medida em que é capaz de ver a insignificação do homem, enfrentá-la e expressá-la magistralmente na arte.

- (1) TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp. 97-120.
- (2) Ibid. p. 98.
- (3) Ibid. p. 115.
- (4) LISPECTOR, Clarice. O Ovo e a Galinha. In: *A Legião Estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977, pp. 49-57.
- (5) NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo. Quiron, 1973. p. 89.
- (6) BORNHEIM, Gerd. Sartre. São Paulo, Perspectiva, 1971. p. 86.
- (7) Ibid. p. 35
- (8) Ibid. p. 34
- (9) Ibid. p. 102-103.